

O EXEMPLO

JORNAL DO POVO

13 de Novembro de 1904

Aviso

Participamos aos nossos assinantes que se acham em atraso com esta folha que aquelles que não hajam satisfeito seus debitos até o dia 14 de Novembro proximo, será definitivamente suspensa a remessa do jornal.

Outrosim avisamos aos que nos têm animado com „engrossamentos“, mas que ainda se acham atrazados com o primeiro trimestre que de fins de Novembro em diante, começaremos a publicar a lista dos leitores d' *O Exemplo*.

Porto Alegre, 29 de Outubro de 1904.

As publicações ineditorias de qualquer natureza, excepto aquellas de associações constituídas e de pessoas com quem tenhamos contractos, só se accitam mediante pagamento adiantado.



DUAS DATAS

O mez de Novembro contem em seu bojo duas datas altamente significativas na historia de nossas conquistas politicas. São ellas o 7 e 15 de Novembro

O 7 de Novembro de 1834 é o alpha de nossos feitos liberais: assigna o decreto pelo qual foi prohibido o trafego de escravos. Dahi, partem todos os empreendimentos para fazer do Brazil uma terra de homens obedientes á lei e não obedientes á vontade despótica de senhores.

Foi Euzébio de Mattos o primeiro estadista brasileiro que, comprehendendo que só é livre a patria onde todos os cidadãos são livres, resolveu dar o primeiro golpe á escravidão, prohibindo a importação de escravos. E que seu esforço produziu fructos nós o sabemos, porque vimos a extincção gradual da escravidão e 58 annos depois, quando já não haviam mais escravos a libertar, promulgar o Povo a sua liberdade proclamando a Republica, em 15 de Novembro de 1889.

Era este o complemento daquelle primeiro acto e por isso não podemos separar o alpha e o omega da liberdade patria. Mais uma vez se verifica que os extremos se tocam.

I. COTTA.

O JOGO

A variedade de typos que preenchem as collectividades humanas, os multiplos agentes que influem sob as tendencias naturaes do homem, os meios diversos em que estes crescem e se desenvolvem, respirando ambientes designaes, tudo isso torna difficil o fazer-se a psicologia de uma sociedade que é o conjuncto de tantos e tão heterogeneas açoes. Ninguem dentro da sociedade em que vivemos, pode de accordo com sua competência, ter confiança no dia de amanhã, porque as posições sociais não se alcançam subindo somente pela escada do merito; o ascensor da subserviência e o balão da politicagem erguem muitos individuos incompetentes a altos postos. O homem não é no meio em que se agita uma „parcela positiva de productividade“, mas em compensação não é tambem o minujão fatal de suas impressões diversas necessidades, no total, da produção da communhão.

Ha um immenso desequilibrio no que usufrue cada individuo na sociedade: uns tem mais do que carecem para as suas necessidades outros não tem quanto basta a estas. E isto determina a luta desbragada dos fartos contra os miseraveis e destes uns contra os outros.

O jogo é uma das valvulas por onde respira esta condemnavel guerra de miseria e de ganancia. Tanto mais aguda é a febre do jogo quanto maior é a miseria no seio do povo, e quando este a elle se entrega desbragadamente, como em nossa epocha, não ha açao radicalmente repressora que se não torne odienta, porque não é ella movida pelos dirigentes sobre uma pequena parte da collectividade, porém sim a perseguição do delegado da communhão contra a sua delegadora: é açao identica a do filho que alça a mão para esbofetear as faces paternas.

A lei não é estimada pelo facto de ser lei, porém porque satisfaz a uma exigencia indeclinavel do meio em que se exercita; e cumpre notar que essa exigencia não pode nem deve ser quitada pelos cientistas de uma determinada escola, porém pela sciencia de character, da indole, da tendencia do povo em cujo meio ella se deve manifestar. A lei que não obedecer a isto, não será uma coisa veneravel e sim um escripto odiado.

Sim odiado, porque quando a maioria de uma collectividade, falta de instrução, de tempo de descanso para philosophar sobre suas condições, pelo impulso natural de suas necessidades, que veem sempre ao longe, posto que indistinctamente o meio de se saciarem, busca no jogo — arruinando-se é certo — a porta sinão para salhir das carencias ao menos por onde entrando possa minoralas, roubar a desgraçada esta ultima esperança é tirannizal-a, é fazel-a odienta contra a lei.

As pequenas plantas desarraigam-se com um pequeno esforço, ás grandes são necessario muitos dias de insano labor. Como as plantas são os vicios e os males sociaes.

Quando um vicio é novo, isto é, quando o mal social que o determina apenas se manifesta, a açao repressora da resultante do mal e a curadora deste produz para logo beneficos resultados, porém, quando um mal tem produzido um vicio que não só se desenvolveu e tornou-se legal como a loteria, mas até proliferou no bicho a açao repressora do vicio gerado sem a destruição do vicio gerador e de suas causas, é absurda, é condemnavel. A destruição, porém, de que fallamos não pode ser feita de momento; e vantagem alguma moral traria hoje a destruição das loterias; estas obedecendo a lei fatal da decrepitude devem desaparecer em breve abandonadas pelo favor publico, deixando o campo livre ao jogo actualmente prohibido como ella o foi outrora.

Quem se tiver occupado da historia das loterias, quem tiver estudado de sua maneira de vida e de sua evolução, comprehenderá quanto vae de ridiculo escreever-se na constituição de um povo viciado, a lei que só poderia vigorar com belleza na carta basifica de um povo absolutamente instruido e como tal gozando do maximo relativo de moral e de felicidade. *É prohibido ao Estado transformar o jogo em fonte de receita*, é mais que uma deliberação salutar da lei, um principio moral que bem vale uma sublime obra. Mas si o Estado não é mais nem menos do que o reflexo da vontade, dos sentimentos, dos individuos que o constituem e si os individuos dentro do Estado, como aqui succede, estão tentados pelo jogo, essa prescripção atenta-se de ridiculo, porque prohibe que o jogo sirva de fonte de receita ao Estado como si logo fosse uma coisa aqui ainda não existente e com tal deliberação se quizesse prohibir o seu desenvolvimento.

Entretanto o Estado indirectamente tem no jogo fonte de receita. Que são os prados? que são as loterias? São casas de tavolagum. E o Estado cobra impostos aos primeiros legalizando assim a sua existencia e auctoriza o funcionamento da segunda não só por cobrar impostos ás agencias de loterias do exterior, como decretando a existencia da do Estado.

Tudo isto é absurdo. Mais absurdo ainda é dizer-se que se perseguem os bicheiros em beneficio do Povo, quando se permite e, o que é mais, se regularizam jogos, e reconhecendo que o bicho é peor que a hydra da fabula que não ha quem o mate, nem haverá quem o venha a matar, sem que se melhore o nivel intellectual e moral do Povo, não se procede, como devem fazer-se, regularizando-o e deixa-se este mesmo Povo cujos interesses se diz salvaguardar a mercê dos prejuizos que lhe dão os exploradores sem escrupulos que entre as perseguições da policia e a boa fé do publico evguem bancas que dentro em pouco vão á gloria.

Aos governos do Brazil não resta outro caminho, senão o que seguiu o governo italiano com o loto, regularizar o bicho, afim de resguardar os interesses do Povo que joga e jogará a despeito de toda a açao da policia e de todos os prejuizos que se registram diariamente, porque o jogo é o producto das más condições economicas e falta de preparo intellectual da maioria da massa.

Nos proximos numeros estudaremos a questão por outras faces.

BAPTISTA HOMEM

Um heróe

Eis hoje o meu heróe! Filho que passa. E emtanto, um bem lhe devo: faz-me rir! Carrancudo si estou, e o vejo vir, logo a minha carranca se adelgaça!

Que chiste encontro eu n'esta caraça, no todo de pachá ou grão visir! E para mais tentar-me e seduzir, n'um bom urco se escancha — pura raça!

Mas ah! quanta pretinha irá dizendo, ao vel-o ahí passar, inchado e teso: „Ah! ladrão! Já no inferno estás ardendo!“

Assim é, capitão. Com esse veso, de lograr infelizes, vae vivendo! Mas conta que te aguarda o inferno em peso!

Porto Alegre.

M.
Teóras e bordões.

Desalinhavos *)

O dia que o Estado e a Igreja (vae tudo com letra maiuscula para evitar cinmeira) consagraram aos mortos demonstrou-me tacitamente que a tal comemoração não é mais do que uma comedia em um prologo e quatro actos.

— Uma comedia?!... dirão os leitores admirados.

— Sim, uma comedia, respondo eu, pois o choro não é só cousa de tragedia; na comedia tambem se chora... choro de comedia, é certo.

Mas descrevamos a comedia.

e semblante abatido, transpando o portão do cemiterio até um sepulcro diante do qual cahe de joelhos (inticia-se aqui o primeiro acto) e cobrindo o rosto com o lenço e as mãos ensaia um choro que as vezes não passa dos estudados soluços e dos artísticos arfar de peitos, emquanto as lagrimas emperram na hypophyse de que o lenço as enchugue. Terminada esta primeira parte vem a *gran promenade à gauche et à droite* pelos vastos corredores ou alamedas onde se vae observando os tumulos que se transformam, por arte da vaidade, em uma especie de vitrine da *Casa de Moldes* as dos pobres e do *Preço Fizo* a dos ricos.

O segundo acto começa na sahida e é todo uma lesta por fingir uma dôr que não sentem e conservar os traços della até á ponte d'Azenha onde todos julgam-se desobrigados desta apparencia.

Ahi começa o terceiro acto que é uma verdadeira mixórdia: as raparigas fallam dos namorados que estavam junto ao portão só para vel-as, dos que asseguram de longe; os velhos discutem politica; os rapazes o *bat glace*, e as velhas fallam do jogo do bicho. Uma ouvimos que dizia:

— A comadre Chinuca reparou que o numero da *separatura* do compadre é 510?

— E' verdade cemadure Queirina, 10 duas ovela e como elle era bô é bem possive que de amanhã.

O terceiro acto tem o titulo: Sem mascaras.

O quarto é representado pelos indifferentes que, não tendo necessidade de sentir ou de fingir que sentem, bendizem o Estado e a Igreja por lhes ter dado um dia mais de folga e corajosamente, aproveitando o terrado, afrontam a gula das sepulturas que se encontram abertas, aqui e alli, no cemiterio, como a dizer com sua bocca desdentada, quando nos passamos.

— Deus permita que tu morras, emquanto os vermes endemonihados batem palmas bravando: „Feliz idéa! Que a tua bocca seja d'um anjo!“

Olhem leitores, eu não sou supersticioso, porém não me agrada ser actor neste acto e por isso não fui lá, posto que tenho a certeza que quando meu corpo baixar a tumba, repouso eterno do infeliz mortal! as vermes em vez de entoar hosannas hão de bradar indignados:

— „Ora bollas! quem comeu a carne que roa os ossos. Nós não somos cachorros!“

Mas com isto, lá deixando o fim do quarto acto, o recolher das corças ás Ave Marias. Ah! aquillo é esplendido e eu não posso deixar de perguntar a mim mesmo: „Si as corças são dos mortos como é que os vivos as levam para casa e si os vivos as levam como é que as corças são dos mortos?“

Ah! aquillo é que eu não posso entender!

S. Pereira.

Liberdade profissional

VIII

(Continuando)

Assim, por exemplo, no § 12 é firmado o principio da liberdade de imprensa, respondendo, porém, cada um pelos abusos que commetter nos casos e pela forma que a lei determinar. As mesmas restricções estão consignadas sobre os direitos do associades, § 8.º, inviolabilidade do domicilio, § 11, prisão sem culpa formada, §§ 13 e 14, propriedade de minas, § 17, propriedade litteraria, artistica e industrial, §§ 25, 26 e 27.

Mas no § 24 o legislador não fixou limites ao principio.

Bem sei que os *idolâtras do pergaminho procuram sophismar a clareza do texto*, argumentando com a rejeição pelo Congresso Constituinte de certas emen-